



Domingo da Santíssima Trindade (06/06/04)

1ª leitura – Antigo Testamento - Isaías 6.1-8

Na alta idade média alguns teólogos comparavam a Trindade com uma árvore e davam o valor de "Pai" às raízes, de "Filho" ao tronco e de "Espírito Santo" às folhas. No entanto, para o entendimento bíblico, parece melhor pensar em toda a árvore como a Trindade, sem diferenciar partes, e que as raízes estejam no Antigo Testamento, o tronco no Novo Testamento e os galhos e folhas na Igreja (que se inicia no Novo Testamento e segue até hoje). Seguindo essa imagem podemos buscar as raízes da revelação de Deus Trino na vocação do profeta Isaías.

Isaías 6 reflete o contexto do anos imediatamente anteriores a 701 a.C. quando Jerusalém foi sitiada pelo exército assírio. Os assírios já tinham tomado a Samaria em 722-721 a.C. e deportado a elite do reino de Israel (norte). No entanto o reino de Judá celebrou a queda dos seus "irmãos-inimigos" do norte. Depois de tudo eles tinham a "Casa de Deus" (o Templo) em Jerusalém e pensavam que Deus jamais deixaria que sua casa fosse destruída. O profeta Isaías foi testemunha da queda da Samaria mas não se alegrou com ela. Contrariamente ao sentimento das elites de Jerusalém, e boa parte do povo, ele viu no fim do reino de Israel um prenúncio do fim do reino de Judá.

No versículo 8b, Deus pergunta: "*A quem enviarei, e quem há de ir para nós?*". O plural "*para nós*" chama a atenção em se tratando de um Deus único. Mas por quê da pergunta genérica e não o chamamento direto como acontece com Moisés (Êx 3:10) ou Jeremias (Jr 1:5)? A mudança aponta para o fato de que ninguém no povo se encontrava em condições de falar em nome de Deus, nem sequer Isaías. O próprio profeta declara ser "*homem de lábios impuros no meio de um povo de impuros lábios*" (v.5). Deus poderia ter falado por qualquer pessoa mas Isaías tinha consciência de que ele e seu povo estavam errados em se achar livres do mal só por freqüentar o Templo de Jerusalém. E Isaías era um sacerdote do Templo!

Nos versículos 9 e 10 Deus disse que aconteceria exatamente o que estava acontecendo. Essa gente que se alegrava pela destruição dos seus irmãos tinha ficado insensível ao sofrimento do próximo, se achando superior e inatingível. Estavam vendo os assírios avançando contra eles mas não enxergavam. Liam as escrituras diariamente e louvavam a Deus com longas orações mas não conseguiam ouvir sua voz. Diante desse quadro Deus propõe um novo começo (v.13).

Deus Trindade não é comunidade, comunicação, diálogo, partilha, colaboração, união, compreensão? Quem poderá ser enviado ou enviada para anunciar a Trindade? Quem tivesse consciência de que ainda não conseguiu viver em comunidade, se comunicar, dialogar, partilhar, colaborar, se unir e compreender o suficiente? Como seria anunciar um Deus assim: anti-egoísta, anti-individualista, anti-competitivo, num mundo que se vangloria dessas coisas? Quem ouviria, quem enxergaria, quem sentiria? Teríamos coragem de dizer: "*eis-me aqui, envia-me a mim*" e acreditar que é



possível um novo começo? O desafio Trinitário deste texto não está apenas em ver no "nós" o Deus Trino mas em ter a disposição de aceitar o chamado. (HMG)

2ª leitura - Apocalipse 4.1-11

Há muitos anos atrás, assistindo um filme na televisão, vi uma cena que ficaria marcada para sempre em minha memória. Não tanto pela cena em si, mas pela mensagem. Um jovem professor de matemática entra em sua primeira sala de aula e ainda assustado, contempla os rostos apreensivos daquelas crianças que o fitam sem saber bem ao certo o que acontecerá. Após alguns minutos de mútuo exame, o jovem professor retira do bolso uma pequena semente de girassol, mostra-a à turma e formula a seguinte pergunta: o que é isso? Os alunos, perplexos pela obviedade da pergunta se entreolham por algum tempo até que um garoto mais corajoso arrisca uma resposta: é uma semente de girassol! Diz o aluno. O professor esboça um sorriso e balançando a cabeça, olha a turma e diz: vocês vêem uma semente de girassol... eu vejo, possibilidades!!!

O texto que acabamos de ler, se encontra em um lugar muito especial no livro do Apocalipse. Ele inicia uma nova seção na qual o autor se propõe a falar, não mais acerca das "coisas que são", mas acerca do que "deve acontecer depois destas coisas". E para que João possa ver estas outras coisas que estão ocultas a quem só vê as coisas que estão diante dos olhos, ele recebe um convite de uma voz como que de trombeta pedindo que suba e passe pela porta aberta no céu. O que ela verá a partir deste momento, sempre esteve lá, mas ele nunca foi capaz de observar ou de notar. A cena extraordinária que é descrita por João tem sido maiormente interpretada pelos exegetas como uma descrição do governo e da soberania de Deus. Como aqueles jovens estudantes na sala de aula de matemática, João havia se acostumado a ver apenas o óbvio das coisas que são. Aquilo que é visível e patente aos olhos. Era preciso, no entanto, uma mudança na forma de encarar a vida; uma mudança no jeito de ver as coisas. E é pensando nisso, que diante deste texto propomos o seguinte tema: **Uma mudança de perspectiva.**

Uma mudança de perspectiva nos fará ver, em primeiro lugar que há um governo. As universidades em todo o mundo estão, há pelo menos quarenta anos, convivendo com severas críticas feitas ao projeto da chamada modernidade. A modernidade sempre foi associada àquele momento na história da humanidade em que as conquistas do iluminismo gerariam um novo mundo. Um mundo sem exclusões; um mundo onde a ciência perscrutaria, e em decorrência disso, dominaria todas as técnicas. Um mundo onde todas as dúvidas seriam respondidas; um mundo em que o homem tivesse respostas exatas e absolutas sobre absolutamente tudo. Mas eis que este projeto veio à falência com as duas grandes guerras mundiais, com a teoria da relatividade, com a física quântica e com a descoberta de que a ciência não tem a última palavra e nem é uma atividade neutra.

Em lugar daquela perspectiva triunfalista e ufanista da ciência, uma outra atitude –desta vez antagônica vem tomando espaço. Estamos vivendo sob a dominação do acaso. Não existem mais absolutos éticos, estéticos, políticos ou religiosos. Todos os grandes paradigmas da ciência moderna ruíram, e com eles



padeceram todas as “metanarrativas”, todos os “sentidos” que ainda conseguíamos encontrar no mundo. Em lugar da ciência, encontramos a magia; em lugar de uma história linear e ascendente, encontramos a incógnita e a dúvida acerca do que nos espera amanhã. Vivemos hoje sob o signo do acaso. O signo do relativo e da dúvida.

Mas o texto de apocalipse nos apresenta uma nova proposta que confronta a ditadura do acaso e do “vale tudo” existencial. Ele nos diz que há um governo. Estes versículos que lemos, oito no total, fazem, também oito vezes, referências ao “trono”. Uma referência para cada versículo! A visão de um “trono” nos faz imediatamente imaginar, a figura de um governo, de um poder, de um sentido no que ocorre. O trono quer nos lembrar que as coisas não ocorrem a seu bel prazer, como se não existisse um sentido. É por isso que somos convidados a subir e a passar pela porta. Para que possamos observar as coisas da perspectiva de Deus. E não com a nossa visão limitada e condicionada. E é desta perspectiva que podemos olhar para a vida e compreender que há um sentido em tudo. Há um governo. Não estamos em uma história fortuita e condenada ao exercício inócuo e solipsista de nossas próprias dúvidas e questionamentos. Não estamos entregues à nossa própria sorte nem condenados a um niilismo existencial. Mas estamos vivendo dentro de uma história que tem um propósito: o bem vencerá o mal. E nesta vida em que vivemos, somos convidados a “saltar” desta postura “niilista” para uma postura de fé.

O Cardeal Carlo Maria Martini em um profícuo debate com o ensaísta e filósofo Umberto Eco, escreveu que existem, por trás da literatura apocalíptica, “grupos humanos oprimidos por graves sofrimentos religiosos, sociais e políticos que, não vendo saída na ação imediata, se projetam na espera de um tempo em que as forças cósmicas se abateriam sobre a terra para derrotar todos os inimigos”. Neste texto que lemos do livro do Apocalipse, o autor sacro que nos faz ver as coisas com uma nova perspectiva. Ele quer nos mostrar que há um governo. Embora todas as “metanarrativas” estejam em crise, há uma saída. Deus está no controle. Mas essa saída só é acessada pela fé.

Mas, assim como uma mudança de perspectiva nos fará ver que há um governo, em segundo lugar ela também nos fará ver que **há um governante**. Ao lado da chamada “crise da modernidade”, e em decorrência dela, a sociedade contemporânea pode também perceber que há uma crise de autoridade. Nunca a autoridade foi tão questionada. E, se este questionamento surge com perguntas acerca da validade absoluta da visão científica, hoje estamos vivenciando um esfacelamento da autoridade em todos os níveis: familiar, social, político e religioso. Não é sem propósito que o Estado moderno tende a diminuir e a dividir suas responsabilidades com as empresas e com os cidadãos. Em muitos lugares o respeito à figura de um líder ou de alguém que domine já não é bem vista. Sob o pretenso “discurso da liberdade”, se rompem as teias do tecido social e se constrói em seu lugar uma barbárie onde o ditado que vale é “cada um por si e deus por todos”. O homem não aceita mais se submeter a nada nem a ninguém. Ele é um ser autônomo. Independente, maduro, livre das peias da ciência e da religião. É alguém entregue a seu próprio destino, às suas próprias escolhas e, em decorrência disso, à angústia.

Mas não é assim que João é convidado a ver as coisas. Ele vê o trono que lhe fala do domínio e da soberania que é exercida na história. E ele vê também aquele



que está assentado no trono (v.3). Mas o surpreendente é que ele não descreve aquele que está sobre o trono. A única coisa que se diz é que ele é semelhante, no aspecto, "a pedra de jaspe e de sardônio". Estas duas pedras preciosas tinham, de acordo com Edward McDowell, um elemento em comum: "são notáveis pela sua beleza e esplendor". O que contemplamos aqui é a tentativa frágil de João em descrever Deus falando de sua glória e de sua beleza. O jaspe é uma pedra que se assemelha ao cristal ao passo que a sardônia, uma pedra avermelhada, possui um brilho faiscante. João quer ressaltar neste texto, a glória e a majestade daquele que está sentado no trono. Ele não é descrito antropomorficamente aqui. O mais próximo que podemos chegar da descrição deste Deus, é falando da beleza e da majestade.

Um pensador disse certa vez que "a beleza salvará o mundo". Há uma relação estreita entre a ética e a estética. Por isso nossos atos eticamente bons são chamados de gestos bonitos enquanto o contrário de feios. Aquele que está sentado no trono é, antes de tudo, chamado de Belo, de majestoso, de magnífico. Assim o é, porque ele é Senhor e sua Majestade ofusca a beleza de tudo o mais que existe.

Se uma mudança de perspectiva nos é capaz de nos fazer ver que há um governo e que há um governante, em terceiro lugar, ela também nos mostrará que **há governados**. Os quatro últimos versículos do texto que lemos nos mostram, de forma bem clara, sobre onde e sobre o que este Deus glorioso exerce domínio. Estes versículos nos falam de "vinte e quatro anciãos" (v.4) e também de "quatro seres viventes" (v.6). Os vinte e quatro anciãos que o texto descreve estão vestidos de branco e sentados sobre tronos, portando, cada um deles uma coroa de ouro. Estes vinte e quatro personagens sempre foram interpretados com sendo uma figura que aponta para as doze tribos de Israel e os doze apóstolos. A imagem é clara. João está falando daqueles que fazem parte do povo de Deus em todas as dispensações. Ela fala da Igreja, que se veste de branco para lembrar da pureza com que fomos revestidos e que está sentada sobre tronos, nos fazendo ver que também somos sacerdócio real. Mas não é apenas da igreja que se fala aqui. O texto também menciona os quatro "seres viventes" que, com toda certeza é um eco da profecia do primeiro capítulo de Ezequiel e que aponta para a totalidade (número 4) da criação. Os quatro animais nos falam, segundo alguns da nobreza, da fortaleza, da sabedoria e da agilidade dos anjos, enquanto outros associam com a totalidade dos animais criados: os selvagens, os animais domésticos, o homem e os animais alados. Seja como for, a extensão do domínio de Deus atinge a criação e a Igreja. Somos convidados por este texto a contemplar o mundo de uma outra perspectiva, ou seja, como extensão do domínio e do governo de Deus.

Era exatamente isto que tinha em mente Davi, quando de sua oração registrada em I Crônicas 29:11,12 diz: "Teu, Senhor, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor é o reino e tu te exaltaste por chefe sobre todos". Aquele homem que teve de enfrentar, quando ainda um jovem e inexperiente pastor, o maior e mais treinado homem dos exércitos inimigos, sabia muito bem que o ponto de vista humano muitas vezes encobre a verdade, mas que, quando a realidade é vista da perspectiva de Deus, descobrimos então, que há um governo, que há um governante e que há governados. Que o Deus de todo poder nos dirija pelo seu propósito. (JLFA)



Santo Evangelho - João 16 (5-11) 12-15

A Santíssima Trindade desafia nossa capacidade humana de compreender os mistérios divinos. Talvez nunca seja possível explicar adequadamente pelos limitados conceitos humanos a totalidade do mistério de Deus. Tudo o que a Teologia pode fazer é ficar com os testemunhos da Revelação desse único Deus na história humana, e que são encontrados nas Escrituras. Ali, inegavelmente, afirma-se que há um só Deus. Ao mesmo tempo, afirma-se que esse Deus se relaciona com o ser humano, se comunica. A Igreja Primitiva sempre compreendeu que o homem Jesus que foi crucificado e morto, participava dessa natureza divina, o que foi atestado em sua ressurreição. Por isso a Igreja não hesitava em orar a Cristo do mesmo modo que orava a Deus e de aguardar que o juízo de Deus sobre a humanidade fosse efetuado através de Cristo. Esse mesmo Cristo declarou que era "um" com o Pai, ensinou sobre o Espírito e prometeu enviá-lo. A Igreja também compreendeu o Espírito como uma "pessoa" que se comunica a nós e com quem podemos ter comunhão. O problema maior foi encontrar uma linguagem humana capaz de explicar esse profundo mistério. O dogma da Trindade, muito mais do que "explicar Deus", denuncia o limite de nossas capacidades humanas de nos aproximarmos desse mistério. Por isso, a Teologia atualmente renunciou à tentativa de "explicar" o inexplicável. Por isso, a intenção da homilia no domingo da Trindade, não é "definir" Deus. Toda definição implica em delimitação e diminuição do mistério. "Definir" vem do latim "de finire" (pôr um fim).

O capítulo 16 de João nos oferece pistas para compreender a situação da comunidade que produziu o texto. Eram pessoas humildes, sofridas e perseguidas e estavam experimentando "tristeza" ou "aflição" (v.6). De fato, na época em que o texto foi redigido, as perseguições se intensificaram contra os discípulos de Jesus. Estes estavam desconcertados e confusos. Mas a narrativa joanina lhes oferece as palavras de Jesus mostrando que a cruz foi o desenrolar do plano divino. Por isso, o texto pretende consolá-los e reanimá-los, mostrando que os poderes que os perseguem (Império e lideranças judaicas) não são a realidade que realmente conta, pois também perseguiram o Filho de Deus. A morte de Jesus foi a manifestação máxima dos poderes da morte que atuam no mundo e de seu sistema injusto, centrado no poder econômico, político e religioso. Foram esses poderes que desde o início, rejeitaram a Luz do Mundo e terminaram por matar o autor da vida. O princípio que inspira este mundo é "o Adversário", homicida, assassino e pai da mentira (8.44). Todos que compactuam com esse poder, em qualquer época da história, mesmo que estejam imbuídos de autoridade religiosa, são filhos do diabo. O pecado consiste em integrar-se nessa ordem perversa e solidarizar-se com a injustiça.

Diante dessa situação, as palavras de Jesus mostram que os discípulos só conseguiriam compreender gradativamente a magnitude do seu ministério, em meio aos problemas da vida. Iriam, desse modo, superar as aflições à medida que percebessem o infinito contraste entre trevas e luz, entre morte e vida. A "plena verdade" anunciada no versículo 13 não é uma definição doutrinária: mas o reconhecimento da manifestação de Deus em Cristo, que oferece aos seus discípulos,



um novo critério para interpretar a história: o critério da glória do crucificado, do poder da entrega, da gratuidade e do sacrifício.

Como foi possível à comunidade joanina perceber isso? Pela presença do Espírito. De fato, Jesus já não estava fisicamente com eles. Mas não os deixara órfãos. O Espírito Auxiliador, Consolador, o Espírito do discernimento, o próprio Espírito de Cristo estava já no meio daquela comunidade, fazendo-os lembrar as palavras de Jesus. Algum tempo atrás, poderíamos dizer que as provas que o Espírito oferece à fé não são provas "científicas". Porém, desde que Karl Popper denunciou a inconsistência do critério da verificabilidade para atestar a "veracidade" de uma teoria científica, mostrando que todas as "provas científicas" são sempre provisórias, as evidências oferecidas pelo texto joanino continuam irrefutáveis. O mundo que se opõe a Deus continua em pecado porque não crê em Cristo nem segue seus valores; Os executores da justiça no mundo continuam a matar inocentes. Por isso, a comunidade insiste que a justiça está com Jesus, o justo crucificado, e não com os "justos" que o julgaram e o mataram. Conseqüentemente, a "justiça do mundo" continua a perseguir os discípulos do Justo crucificado.

A "prova" que a fé oferece é a própria situação de perseguição que a comunidade enfrenta. Devido ao testemunho e ação da comunidade, o mundo continua provando viver em pecado e continua a atrair sobre si o julgamento divino. O "mundo", a sociedade e os poderes de todas as épocas já foram julgados ao provarem que preferem manter seu poder e dominação sobre as pessoas. Essa convicção se torna, para a comunidade, fonte de uma alegria que ninguém pode tirar (v.22). Porém, a percepção dessas realidades pela comunidade acontece gradativamente. Quem dá essa percepção, ou esse discernimento, é o Espírito. E, fazendo isso, glorifica o filho, revelando sua glória.

Mas, que Espírito é esse? Não é outro senão o mesmo Espírito de Jesus crucificado (v.13-15). O Espírito da Verdade não fala de si mesmo, mas anuncia o crucificado como critério para discernir nosso compromisso com Deus e nosso distanciamento do mundo.

Hoje em dia há muita gente que frequenta as igrejas e até as sustenta financeiramente, mas que não sabe o que é sofrer as aflições do tempo presente, decorrentes da enorme distância entre os valores do evangelho de Jesus e os valores do mundo. Acabam criando um evangelho próprio, de acordo com suas conveniências e, a partir dele, não questionam os poderes constituídos, os valores da morte, defendem as exclusões e justificam os preconceitos. Continuam a matar diariamente o Autor da Vida. E muitas vezes fazem isso usando como cobertura a expressão "Espírito Santo". Mas esse não é o Espírito de Cristo. O Espírito Santo é o mesmo daquele que foi morto e crucificado, mas que ressuscitou retornando ao Pai. Quem vive desse Espírito, sabe que o mundo já foi julgado. (CEBC)